

Violência enquanto sintoma social em *Eu não quis te ferir* de Rinaldo de Fernandes

Violence as a social symptom in Eu não quis te ferir by Rinaldo de Fernandes

Frederico de Lima Silva¹
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Paraíba, Brasil

Hermano de França Rodrigues²
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Paraíba, Brasil

Rinaldo de Fernandes é um escritor maranhense radicado no Estado da Paraíba, onde, além da produção ficcional, ocupa-se com as atividades de professor universitário, antologista e crítico literário. Autor de mais de quinze títulos, Fernandes vem se destacando no panorama literário brasileiro contemporâneo, sobretudo pela sua contística³, que, inclusive, serve como ponto de partida para a composição de seus romances, como destaca Sônia L. Ramalho de Farias, posfaciadora da obra que aqui resenhamos, ao argumentar que: “Assim como *Rita no pomar*⁴ deriva do conto ‘Rita e o cachorro’ [...] e *Romeu na estrada*⁵ provém do conto ‘O professor de piano’ [...], o romance em foco constitui desdobramento de ‘Beleza’”. Terceira incursão do escritor pelo universo dos romances, *Eu não quis te ferir*⁶ possui um enredo que se desenvolve a partir de dramas familiares que afastam e, concomitantemente, coadunam os três personagens principais: Rosa, Ismael e Jonas, cujas vidas são marcadas por uma dinâmica que se dilui num quadro de violência física, psicológica e moral, o qual tem como eixo comum as severas injustiças sociais que os afligem.

¹Doutorando em Letras (Literatura, Teoria e Crítica) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB). Psicanalista em Formação pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica (IBPC). Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB-CNPq). E-mail: fredlimaufpb@hotmail.com.

²Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Literatura do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, e do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. Fundador e coordenador do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB-CNPq). E-mail: hermano.literatura@gmail.com.

³Fernandes já venceu o Prêmio Nacional de Contos do Paraná, de 2006, graças ao conto “Beleza”. Sua contística tem ganhado elogios de figuras célebres do meio crítico e literário, como Regina Zilberman, que classificou o autor como um mestre do conto.

⁴Publicado pela Editora 7Letras, em 2008.

⁵Publicado pela Editora Garamond, em 2014.

⁶Publicado pela Editora Garamond em 2022.

Em conformidade com a escrita consumada do autor, a narrativa possui os mesmos ingredientes já estabelecidos nas outras duas obras que compõem a sua trilogia romanesca do “trágico familiar”, como, por exemplo, a dimensão reduzida das narrativas, o que reforça um comentário feito por Regina Zilberman (2010, p. 90), no qual afirma que “Da tradição do conto, Rinaldo de Fernandes retira seu nódulo básico – a brevidade do texto, já que, materialmente, as histórias consomem poucas páginas”. Ressaltam-se também características como a linha temporal difusa, que, apesar de causar certo estranhamento em um primeiro olhar, permite um aprofundamento tanto do mote que engendra a narrativa, como um esforço por parte do leitor em ultrapassar o comodismo de uma leitura meramente guiada e sem diligência; assim como o já citado drama familiar como fomentador dos traumas primordiais e estruturais, os quais, nos romances de Fernandes, são catabolizados pelas vicissitudes vividas, posteriormente, no ingresso dos protagonistas no âmbito social.

Todavia, a insígnia maior de sua prosa e, por consequência, de seu terceiro romance, é a violência como fio condutor do tecido diegético, que se manifesta nas mais variadas formas, desde um pensamento de vingança em relação ao patrão que condiciona um dos protagonistas a situações desagradáveis, porque este flagrou aquele vendo vídeos de zoofilia: “Ele sabia que eu via. Desconfiado, fechava a cara para mim, me mandava vez por outra limpar uma coisa, uma pia, uma porta de vidro. Um sábado, cedo, passou o balde, me mandou lavar o banheiro. Nesse dia pensei em furá-lo. (Fernandes, 2022, p. 16)”; até crianças espancando barbaramente um cavalo, ato descrito sem eufemismos, expondo a banalidade do mal que habita o ser humano desde a infância, e cuja representação o autor conseguiu transpor tão fielmente:

Virei a vista para o outro lado da avenida, examinei em volta [...]. Aí descobri, ao lado da passarela, na extremidade do muro, o portão da escola. [...] E o grupo de garotos, os rostos postos na grade do portão: vem ver! [...] E então, do outro lado, eu notei: um deles pulou o muro da escola e veio correndo em minha direção. Apanhou um pedaço de pau numa velha construção e veio vindo. Os outros garotos riam no portão [...] E começaram a gritar: bate, Romero!... Vai, bate! Então o menino com o pedaço de pau se aproximou da égua e foi batendo [...]. Do portão da escola [...] os rostos na grade sempre rindo, apertados uns contra os outros, [...] o menino ainda batendo [...] ainda atingindo o animal. (Fernandes, 2022, p. 21)

Em meio à gama de manifestações de violência que irrompem nessa cartografia da barbárie, nota-se que o *background* para as manifestações de perversidade que norteiam o romance centra-se, explicitamente, na desigualdade social que assola os centros urbanos e fomenta, sobretudo em meio àqueles que se encontram à margem, condutas que extrapolam as prescrições que alicerçam o laço social e a civilização enquanto projeto comunitário. Seus três personagens principais são símbolos de como o viver em sociedade demanda um esforço que nem sempre é capaz de ser executado, especialmente quando ela mesma, a cultura, imprime sobre os sujeitos exigências que são insustentáveis do ponto de vista subjetivo, as quais tornam-se ainda mais penosas para quem não desfruta das condições de igualdade “prometidas” pelo empreendimento coletivo humano. Esse

cenário belicoso alinha-se, de modo patente, às prescrições freudianas sobre os riscos que a sociedade enfrenta ante as manifestações de agressividade humana. Em um de seus textos mais “sombrios”, *O mal-estar na civilização*, o notável fundador da psicanálise advertiu que:

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. (Freud, 1930 [1974], p. 133)

Assim como em *Rita no pomar* e *Romeu na estrada*, *Eu não quis te ferir* também possui outra característica bastante emblemática do romance de Fernandes: a dinâmica da fuga, isto é, da mesma forma que Rita e Romeu — respectivamente, os protagonistas dos romances anteriores —, Ismael evade-se de um determinado local com o objetivo de escapar do ambiente de violência e horror que o cerca, que é perverso e brutal por excelência, mas acaba sempre se deparando com a irremediável constatação de que, assim como o bem, o mal habita o ser humano no nível mais íntimo de sua composição, o que o deixa continuamente à mercê tanto de sofrer as consequências da violência alheia, como, ele mesmo, manifestá-la em desfavor de outrem.

Essa essência de retirância, que se corresponde com o dístico elementar de obras como *O Quinze*, *Vidas Secas* e *Morte e Vida Severina*, em *Eu não quis te ferir* não opera mais no nível da fuga do sertão para a cidade, algo já consolidado na literatura modernista. Embora ainda tenhamos a tentativa de evasão frente à fragilidade das condições de vida, percebe-se que o deslocamento que orienta o cenário hodierno da escrita romanesca de Fernandes se dá, sem reticências, a partir do colapso das relações sociais, as quais têm sua origem, como bem retrata o autor, na célula familiar, eclodindo ao passo que os sujeitos experienciam as dissimilaridades do (sobre)viver em sociedade. Nesse sentido, podemos tomar Ismael, Rosa e Jonas como representantes legítimos da configuração do herói moderno na literatura, tão bem esboçada por estudiosos como Arturo Gouveia (1998-99); que salienta o bojo da existência desses personagens problemáticos a partir de uma existência que é “traída por fatos, experiências e conhecimentos que ampliam a noção de sociedade, de universo, de história e do próprio conceito de ser humano” (p.76), fazendo com que esses sujeitos ficcionais, espelhos de sua época, encontrem-se em constante inconformidade com as exigências da civilização.

Não obstante, cumpre-nos destacar a relação estabelecida no segundo capítulo da obra. Nela, somos apresentados a Rosa, mãe de Jonas (quinze anos) e Ismael (dezenove anos), uma mulher que, desde os treze anos, trabalha como empregada doméstica para Ravi e Úrsula, país de Rodolfo, uma família de classe média. Além da explícita situação de trabalho que é análoga à escravidão, Rosa e Jonas são constantemente colocados em situações vexatórias. Em determinada passagem, alusiva ao aniversário de quinze anos de Rodolfo, no qual Rosa e Jonas são convidados a participar, este é acimado por outros adolescentes devido ao fato de não se apresentar como os demais jovens. Cito Rosa:

Eu não gosto de contar isso, porque nem vem saliva... O Jonas... Ele estava reunido com os amiguinhos de Rodolfo, tudo da escola dele, do Rodolfo. [...] E aí um deles, quanto ficou perto de Jonas, disse que meu filho fedia a gordura de pia. [...] Aí um outro menino disse que o Jonas dava pra ser coveiro, porque todo coveiro é magricelo e não tem cabelo, tem uns fiapos na cabeça. Jonas ficou calado, grudou os olhos na água da piscina, os lábios queimando de tanta roxição. (Fernandes, 2022, p. 37)

Na descrição dessa conjunção, Fernandes ainda esmiúça os pormenores do tratamento abusivo que Ravi e Úrsula impõem a Rosa, assim como outras figuras próximas à família, cuja assimetria, acrescida de outras situações depreciativas, acaba alimentando em Jonas certa ojeriza pela mãe e influenciando, decisivamente, os acontecimentos trágicos que arrematam a narrativa. Ao escrever/inscrever essa contextura, o autor dá à narrativa o tom de denúncia frente à impostura perversa em que parte da sociedade, quase exclusivamente integrada pelos cidadãos padroados, sustenta-se. Na outra parte, onde sujeitos como Ismael, Rosa e Jonas se encontram, os reflexos dessa disparidade são sentidos não como circunstâncias do acaso, e sim como signos de sua posição no estrato social.

Nesse sentido, Fernandes faz da sua narrativa um testemunho voraz do mal-estar inerente à cultura, o qual opera indistintamente no laço social, desde o âmbito familiar à dimensão coletiva, mostrando-nos como os efeitos da hostilidade entre os sujeitos afeta não apenas os envolvidos diretamente, mas a sociedade como um todo, já que traz à tona a fragilidade dos princípios que tentam reger o encontro entre as subjetividades. Temos aqui uma narrativa sobre opressão, sobre impasses do processo civilizatório, onde a violência comparece como sintomatização social perante o desamparo, perante a precariedade que afeta, sobremaneira, os mais desassistidos no escopo social, mas que todos nós estamos sujeitos a manifestar, já que ela trata, em essência, das nossas incapacidades particulares no encontro com a alteridade alheia. Se ela se apresenta de forma brutal, certamente há na ficção de Fernandes parte da realidade que nos escapa inconscientemente, ou a que nós nos negamos a admitir, já que a reconhecer no outro é, em certa medida, reconhecê-la também em nós mesmos.

Ao publicar *Eu não quis te ferir*, o autor se consolida naquele seletivo grupo de escritores contemporâneos que desenvolvem o que podemos chamar “literatura da violência”, formado, entre outros, por nomes como Rubem Fonseca, Marçal Aquino, Paulo Lins, Férrez e Isabel Moustakas. Assim como esses escritores, Fernandes chancela o que para muitos é doloroso admitir, e, com o mínimo de anestesia que a literatura oferece, corta a pele e toca os nervos da nossa condição de membros desse cenário, dando contornos, mais uma vez, a outra acertada postulação freudiana, a de que existem “dificuldades ligadas à natureza da civilização, que não se submetem a qualquer tentativa de reforma” (Freud, 1930 [1974], p.120). Como podemos observar nesse novo romance de Fernandes, a violência, como sintoma do traço hostil da nossa formação, é uma delas.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Rinaldo de. *Eu não quis te ferir*. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.
- FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GOUVEIA, Arturo. A ironia estrutural no romance. In: *Revista do CCHLA*. João Pessoa: Editora universitária, n.1, ano VII, 1998/1999, p. 73-89.
- ZILBERMAN, Regina. Mestre do conto. In: FERNANDES, Rinaldo. *O professor de piano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.